

# Mulheres na Música Sertaneja no Brasil: Desafios, Conquistas e Representatividade Feminina (1980-2020)

Dafne Moura Carneiro<sup>1</sup>

Luciana Codognoto da Silva<sup>2</sup>

## Resumo

Neste estudo, analisamos a presença das mulheres na música sertaneja no Brasil entre 1980 e 2020, abordando os desafios enfrentados, as conquistas alcançadas e a representatividade feminina nos estudos de gênero. A pesquisa discute como a música sertaneja, historicamente dominada por homens, passou a incluir vozes femininas que redefiniram as narrativas do gênero. Para isso, foram analisadas as trajetórias de Roberta Miranda e Marília Mendonça, observando a evolução das temáticas femininas em suas canções. A metodologia adotada baseia-se em revisão bibliográfica e análise qualitativa das letras das músicas, destacando a música como fonte histórica e meio de empoderamento feminino. Concluímos que, apesar dos desafios persistentes, as mulheres conquistaram maior espaço e influência na música sertaneja, promovendo mudanças na representatividade e na percepção do papel feminino na música sertaneja.

**Palavras-chave:** Marília Mendonça. Música Sertaneja. Representatividade Feminina. Roberta Miranda.

## Abstract

This study analyzes the presence of women in Brazilian country music (sertanejo) from 1980 to 2020, addressing the challenges faced, achievements attained, and female representation in the genre. The research discusses how sertanejo, historically dominated by men, has incorporated female voices that have redefined the genre's narratives. To this end, the trajectories of Roberta Miranda and Marília Mendonça were analyzed, observing the evolution of female themes in their songs. The methodology adopted is based on a bibliographic review and qualitative analysis of song lyrics, highlighting music as a historical source and a means of female empowerment. It is concluded that, despite persistent challenges, women have gained greater space and influence in sertanejo music, fostering changes in representation and in the perception of the female role within the genre.

**Keywords:** Marília Mendonça. Sertanejo Music. Female Representation. Roberta Miranda.

## Introdução

A presente pesquisa tem o objetivo analisar a presença das mulheres na música sertaneja como fator para uma manifestação da transformação social e cultural no Brasil. Ao investigarmos os desafios enfrentados por essas mulheres, bem como suas conquistas no campo artístico, temos uma compreensão mais ampla das dinâmicas de gênero na indústria da

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina - UFMS/CPNA.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Nova Andradina - UFMS/CPNA.

música brasileira. Observamos que a música sertaneja é um dos estilos mais populares no Brasil e tem suas raízes profundamente repercutidas na cultura brasileira, além de ser tradicionalmente um espaço dominado por artistas masculinos. No entanto, ao longo dos anos, houve um aumento significativo da presença feminina no cenário sertanejo, trazendo novas perspectivas e desafios para o mundo da música sertaneja.

Logo, a presente pesquisa propõe investigar os desafios enfrentados pelas mulheres na música sertaneja brasileira, assim como suas conquistas e a sua representatividade alcançada no cenário musical. Dentro da problemática de pesquisa, apresentamos: O que tem levado muitas mulheres a buscarem mais o estilo musical sertanejo? Como os desafios enfrentados pelas mulheres na indústria da música sertaneja brasileira impactam sua representatividade e contribuição para os estudos de gênero?

Podemos dizer que a música sertaneja seria uma forma de empoderamento feminino e um recurso que elas encontraram para expor seus sentimentos reprimidos, deslocando-os para o campo das artes. Ademais, podemos dizer que Roberta Miranda, uma das pioneiras no sertanejo, retrata, em suas músicas, mulheres mais submissas ao relacionamento, enquanto que Marília Mendonça representa o oposto, evidenciando figura da mulher que também sofre, mas que não se paralisa no relacionamento, e, mesmo após a sua morte, ela continua sendo um referencial na música sertaneja.

Visando responder a esses questionamentos, buscamos, com essa pesquisa, analisar os desafios enfrentados pelas mulheres na música sertaneja brasileira, investigando suas estratégias de superação e as conquistas alcançadas. Mais especificamente, objetivaremos investigar o papel da música sertaneja como uma forma de expressão e empoderamento feminino, analisando a evolução das temáticas femininas nas letras de canções e o impacto de artistas como Roberta Miranda e Marília Mendonça no cenário musical e social a partir dos estudos de gênero.

## **Gênero e Estudo das Mulheres**

A análise das relações de gênero e o estudo das mulheres constituem áreas fundamentais para compreender a organização social e as dinâmicas de poder que moldam as experiências humanas ao longo da história. O conceito de gênero, conforme desenvolvido por teóricas, como Joan Scott (1986), não se limita à diferenciação biológica entre os sexos, mas

refere-se às construções culturais, históricas e sociais atribuídas aos papéis femininos e masculinos. Assim, o gênero funciona como uma categoria analítica que permite questionar as hierarquias e desigualdades estruturais que perpetuam a subordinação das mulheres.

No campo do estudo das mulheres, pesquisas, como as de Scott (1986), procuram destacar as experiências femininas frequentemente marginalizadas ou apagadas das narrativas hegemônicas. Essa abordagem foi amplamente influenciada pelos movimentos feministas, que, especialmente a partir da segunda metade do século XX, promoveu uma revisão crítica dos modelos patriarcais e reivindicou o direito à visibilidade e à participação igualitária das mulheres na sociedade. Autoras, como Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo* (1949), questiona as bases filosóficas e culturais que sustentam a inferiorização feminina, abrindo caminho para um campo de estudos que interliga teorias de gênero, história, sociologia e antropologia.

A interseccionalidade é outra contribuição significativa ao debate sobre os estudos de gênero e história das mulheres. Kimberlé Crenshaw (1989) enfatiza como os diferentes eixos de opressão — como gênero, raça, classe e sexualidade — interagem e produzem experiências específicas de discriminação e privilégio. Esse enfoque amplia a compreensão das desigualdades, reconhecendo que as mulheres não formam um grupo homogêneo e que suas experiências são atravessadas por múltiplas identidades e posições sociais.

No contexto acadêmico, os estudos de gênero e os estudos das mulheres têm explorado temáticas, como a divisão sexual do trabalho, as representações midiáticas, a violência de gênero, a participação política e os direitos reprodutivos. Essas análises destacam como as relações de gênero são moldadas por relações de poder, que estruturam as instituições sociais e influenciam as experiências individuais. Segundo Butler (1990), o gênero também é performativo, ou seja, resulta de atos repetidos que consolidam normas sociais e culturais, podendo ser, portanto, desconstruído e ressignificado.

Ao estudar gênero e as mulheres, torna-se possível identificar e questionar as estruturas que sustentam a desigualdade, contribuindo para a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A reflexão crítica sobre essas questões não só revela os mecanismos de opressão, mas também aponta caminhos para a resistência e a transformação social.

## Metodologia

A música, como fonte histórica, é um objeto de estudo valioso para compreender diferentes contextos sociais, culturais, políticos e econômicos ao longo do tempo. Por meio das letras, melodias, ritmos e performances, ela registra sentimentos, ideias, narrativas e tensões vivenciadas em determinado período, sendo uma forma de expressão que reflete a mentalidade coletiva e os eventos históricos de uma sociedade, tal como afirmou Barros (2012).

A música revela aspectos da identidade cultural de grupos específicos, incluindo tradições, crenças, valores e costumes. Ela frequentemente reforça ou desafia estereótipos e contribui para a construção de narrativas identitárias, como manifestações diretas de movimentos sociais, a luta por direitos civis e igualdade de gênero. As letras musicais podem capturar experiências e sentimentos individuais ou coletivos, oferecendo *insights* sobre a vida cotidiana e as relações sociais de uma época específica, segundo bem salientou Ribas (2015).

Para Alonso (2015), dentre as vantagens de se usar a música como fonte histórica, estão: a acessibilidade emocional e cultural, permitindo compreender aspectos subjetivos de uma época e a representação de vozes que muitas vezes não aparecem em fontes oficiais, como as de minorias ou grupos marginalizados.

Portanto, estudar a música como fonte histórica requer uma abordagem interdisciplinar que considere tanto seu contexto histórico quanto sua função como manifestação artística e social. Ela não apenas complementa outras fontes históricas, mas também oferece perspectivas únicas sobre os períodos que retrata.

A partir disso, destaca-se que essa pesquisa será descritiva e realizada a partir de uma revisão bibliográfica, que abrange obras acadêmicas, artigos científicos e biografias relevantes sobre o tema. Além disso, serão utilizadas técnicas de análise qualitativa para examinar criticamente os dados coletados e identificar padrões e tendências relacionados à presença das mulheres na música sertaneja no Brasil. Esta metodologia tem por objetivo fornecer uma visão abrangente acerca dos desafios enfrentados pelas mulheres na música sertaneja brasileira, destacando suas conquistas e contribuições para o estudo de gênero.

Esta pesquisa teve como foco as obras de Marília Mendonça e Roberta Miranda, analisando três músicas de cada artista: *Vá Com Deus*, *Faz Amor Comigo* e *A Mulher em Mim*, de Roberta Miranda, e *Infidel*, *Eu Sei de Cor* e *De Quem é a Culpa?*, de Marília Mendonça. As canções foram selecionadas com base nas características específicas de cada

época, evidenciando a transformação das mulheres, que antes eram retratadas como submissas, e, posteriormente, passaram a ser representadas de forma mais empoderada. As letras foram pesquisadas no *YouTube*, utilizando áudio e legendas como referência.

Espera-se que os resultados sirvam como base para futuras pesquisas sobre questões de gênero na indústria da música brasileira e para iniciativas que promovam a equidade de gênero nesse campo.

### **Mulheres no Sertanejo: de Roberta Miranda à Marília Mendonça**

A música sertaneja faz parte da cultura nacional, além de refletir e influenciar nas dinâmicas sociais e culturais do país. Sendo assim, a presença e a representatividade das mulheres na música sertaneja têm sido objeto de análise e debate, dada a sua importância e as complexidades enfrentadas no cenário musical. A representatividade feminina, embora crescente, ainda é marcada por obstáculos, como o machismo estrutural e a objetificação da imagem feminina. Contudo, diversos artistas têm se destacado e contribuído significativamente para o cenário musical brasileiro, como aquelas que evidenciamos em nosso estudo.

Considerando o papel da música como veículo de ideologias e valores sociais, é importante examinar as experiências das mulheres no cenário musical sertanejo, desde as pioneiras, como as Irmãs Castro, uma dupla de cantoras e compositoras famosas na década de 1940, com a música *Beijinho Doce*, até cantoras contemporâneas, que desafiam os estereótipos e as barreiras na indústria musical como Marília Mendonça e Maiara & Maraisa.

Nessa fase, surgiram grandes duplas sertanejas famosas até hoje, por exemplo, “Chitãozinho & Xororó”, “Zezé de Camargo e Luciano”, “Leandro e Leonardo”. Em um território praticamente dominado por homens, nessa época, destacou-se a compositora Fátima Leão. Ela compôs, em parceria com o também compositor Elias Muniz, o grande sucesso “Dormi na praça” que foi interpretado pela dupla sertaneja “Bruno e Marrone”. A dupla também fez sucesso a partir dos anos 1990, assim como a música interpretada por eles. Neste período, destacou-se, também, a cantora Roberta Miranda, conhecida, atualmente, como a rainha do sertanejo romântico. (Motta 2017, p. 17).

Nesse aspecto, o cenário da música sertaneja, historicamente dominada por homens, dificultou a abertura de espaço para as mulheres. Isso resultou em inúmeros desafios para que elas ganhassem reconhecimento e espaço na música sertaneja. Um exemplo é a cantora

Roberta Miranda, considerada a rainha do sertanejo romântico, cujo surgimento, em 1986, resultou em um marco na história do gênero musical.

De acordo com seu próprio relato em sua biografia<sup>3</sup>, Roberta Miranda expõe:

Depois de tanto me digladiar com o machismo, o venci às custas do meu talento e do desafio de dizer uma frase de extrema simplicidade e de grandes implicações. Não é fácil dizer EU QUERO. A mulher nasceu com todos os requisitos para ser vencedora. Só precisa tomar conhecimento do valor que representa a coragem de querer (sic).

A trajetória de Roberta Miranda abriu portas para que outras artistas femininas conquistassem o público e alcançassem o sucesso no cenário musical. Contudo, devemos ressaltar que a presença das mulheres na música sertaneja não se limita apenas às cantoras, mas também envolve compositoras, instrumentistas e produtoras, cujos trabalhos, muitas vezes, são negligenciados.

A falta de visibilidade e reconhecimento público para as mulheres na indústria musical sertaneja refletiu as desigualdades de gênero presentes em diversos aspectos da sociedade brasileira. Diante dos desafios enfrentados pelas mulheres na música sertaneja, é importante reconhecer suas conquistas e suas contribuições para o gênero musical. Através da superação, as artistas têm aumentado sua presença e influência no cenário musical, promovendo uma maior diversidade e representatividade feminina.

As músicas representam a versatilidade e a força feminina no cenário sertanejo, quebrando barreiras de gênero e conquistando espaço em uma indústria antes dominada por homens. Através de letras que falam sobre amor, perda, independência e celebração da mulher, Roberta Miranda contribuiu para a expansão do sertanejo feminino, abrindo portas para que outras mulheres também pudessem se expressar e serem reconhecidas. A análise dessas canções reafirma o valor da representatividade feminina, que inspira uma mudança gradual e profunda na música e na sociedade.

A trajetória de Roberta Miranda e Marília Mendonça na música sertaneja reflete as mudanças na realidade social e na mentalidade das sociedades em seus respectivos períodos. Na década de 1980, quando Roberta Miranda começou sua carreira, a sociedade brasileira ainda era marcada por normas de gênero tradicionais, que limitaram as oportunidades para as mulheres em muitas áreas, incluindo a música sertaneja. Roberta Miranda teve de lutar contra esses preconceitos e provar seu talento em um ambiente adverso e dominado por homens.

---

<sup>3</sup> Site oficial da cantora Roberta Miranda < <http://robertamiranda.com.br/biografia/> > . Data de acesso: maio de 2024.

Roberta Miranda ficou reconhecida como uma das pioneiras da música sertaneja feminina no Brasil. Sua carreira foi marcada por inúmeras dificuldades e preconceitos. A cantora enfrentou a resistência tanto da indústria musical quanto do público, que estavam acostumados com vozes masculinas nesse estilo musical. No entanto, com sua voz potente e suas letras autênticas, ela conseguiu romper as barreiras do mercado sertanejo e conquistar um espaço significativo no cenário musical.

De acordo com Borges (2018):

Nos anos 1980 temos também a cantora Roberta Miranda tida pelas cantoras atuais como um modelo. A cantora ganhou vários prêmios, vendeu milhões de discos, também como compositora, escreveu músicas que lhe trouxeram o sucesso, entre elas podemos citar a *Majestade*, o *Sabiá* de 1985 e a canção *Vá com Deus* que foi lançada em 1986, tornando-se um dos maiores sucessos da cantora, [...] Na canção ela versa sobre uma desilusão amorosa em que vemos a separação de um casal, que causa dor e sofrimento ao eu-lírico (não está determinado seu gênero) da canção, pois ainda ama a pessoa a qual está abandonando na relação que já se vê indiferença entre o casal, visto que diante da desintegração do casal, o eu-lírico percebe que já não são mais os mesmos que compartilhavam de ensejos e sonhos, e que errou em se doar e entregar-se por completo a seu amado. E percebe que no fim a relação não deu certo e o abandona (Borges, 2018, p. 22-23).

Roberta Miranda abriu portas para outras mulheres, ao mostrar que era possível uma artista feminina alcançar sucesso e reconhecimento na música sertaneja. Sua trajetória inspirou muitas outras cantoras que vieram depois dela, desafiando as normas de gênero da época. Em canções, como *Vá Com Deus* (1987), ela canta, "Despi minh'alma ao deitar / Nos braços de nós dois / Pra ser um só / Você nada entendia / Que tudo te esperava / Nas horas mais sublimes / Do meu eu", Roberta traz à tona a entrega emocional e a intensidade do amor, destacando a profundidade das relações e os sentimentos complexos que muitas mulheres experimentam.

Em *Faz Amor Comigo* (2021), ela expressa o desejo e a necessidade de intimidade ao cantar: "Faz amor comigo, faz amor comigo / Me tira desta solidão / Vem matar minha saudade / Faz essa vontade / Do meu coração", tocando em sentimentos de solidão e a busca pelo preenchimento emocional. Já em *A Mulher em Mim* (1997), Roberta revela o anseio de ser amada e compreendida, cantando "E a mulher em mim / Vai então pedir / Fala de amor / Me faz ser feliz / Porque é assim que eu sou / Ah, eu preciso dizer / Que a mulher em mim / Precisa de um homem que é você", afirmando a necessidade do amor e da reciprocidade em um relacionamento. Roberta Miranda não apenas se destacou como cantora, mas também como compositora, escrevendo muitas de suas próprias canções, o que fortaleceu, ainda mais, sua posição na indústria e serviu de inspiração para várias gerações de artistas.

Por sua vez, na década de 2010, quando Marília Mendonça despontou no cenário musical, a sociedade brasileira havia evoluído um pouco mais em termos de igualdade de gênero. As cantoras da atualidade, como Marília Mendonça, não reprimiam suas vontades.

Segundo Borges (2018):

Algumas frases enunciadas pelas irmãs Simone e Simaria na maioria dos shows como “Hoje eu não tô boa pra beber, hoje eu tô excelente” e “Eu vou beber até cair e se eu cair continuo bebendo deitada nessa miséria”, expressões que seriam abominadas pelos conservadores manuais femininos dos séculos XIX e até meados do século XX, por exemplo, e seriam mais ouvidas assim: “Esse lugar não é pra você”, “mulher de respeito não faz isso” (Borges, 2018, p. 24).

Marília Mendonça, conhecida como a “Rainha da Sofrência”, surgiu em um contexto social e cultural diferente do de Roberta Miranda. Com o início de sua carreira na década de 2010, Marília Mendonça representou uma nova geração de mulheres na música sertaneja. Sua música, caracterizada por letras que abordam temas de desilusões amorosas e a vida cotidiana, ressoou profundamente com o público, especialmente com as mulheres.

Marília Mendonça trouxe uma nova visibilidade e aceitação para as cantoras no sertanejo, aproveitando um período em que a sociedade estava mais aberta às vozes femininas e às suas experiências. Com músicas, como *Infiel* (2016), *Eu Sei de Cor* (2017) e *De Quem é a Culpa?* (2017), Marília explorou temas universais e emocionantes, conectando-se profundamente com as mulheres. Em *Infiel*, ela canta, "Agora ela vai fazer o meu papel / Daqui um tempo você vai se acostumar / E aí vai ser a ela quem vai enganar", transformando a dor da traição em um ato de autoafirmação, incentivando muitas a repensarem relacionamentos tóxicos. Já em "Eu Sei de Cor", ela reflete sobre a dor de um término, cantando, "Deixa, deixa mesmo de ser importante / Vai deixando a gente pra outra hora / E quando se der conta já passou / Quando olhar pra trás já fui embora", uma expressão de vulnerabilidade que representa a superação e o luto amoroso.

Por fim, em *De Quem é a Culpa?*, ela questiona a responsabilidade nos fracassos amorosos, cantando "Não finja que eu não 'to falando com você / Ninguém entende o que eu 'to passando / Quem é você, que eu não conheço mais? / Me apaixonei pelo que eu inventei de você", incentivando as mulheres a ressignificarem a culpa e a buscarem autoestima. A internet e as redes sociais foram cruciais para essa ascensão, permitindo-lhe alcançar uma audiência vasta e diversificada, que se viu representada nas suas letras e na sinceridade de sua música, fazendo de Marília Mendonça um verdadeiro ícone do empoderamento feminino no sertanejo.

Diferente de Roberta Miranda, Marília Mendonça encontrou uma indústria mais receptiva e um público que já estava familiarizado com a ideia de mulheres ocupando espaços significativos na música sertaneja.

Em entrevista, a cantora Marília Mendonça narrou:

Eu acho que o que faltava na gente coragem para falar de assuntos com os quais as mulheres se identificassem. Hoje, nós não mostramos uma mulher que serve o homem e nem que é uma boneca. Sabe por que? A verdade é que nós mulheres somos ciumentas e somos da maneira que cantamos nas músicas mesmo. Somos humanas. É importante que o público olhe para o palco e se identifique com o que está vendo. Antes a gente só tinha personagens e *barbies* como referência e que nós sabíamos que nunca seríamos parecidas com elas. Hoje, nós somos autênticas de verdade e de carne e osso.<sup>4</sup>

Embora ainda existam desafios, as mulheres conquistaram mais direitos e espaço em diversos campos. A aceitação de Marília como uma estrela da música sertaneja foi mais rápida e abrangente, refletindo uma mentalidade mais inclusiva e aberta às diferentes experiências e vozes femininas.

Logo, Roberta Miranda e Marília Mendonça, cada uma em seu tempo, desempenharam papéis fundamentais na mudança do cenário musical sertanejo no Brasil. Enquanto Roberta foi uma desbravadora, enfrentando e superando os desafios para abrir caminhos, Marília consolidou essa presença tornando-se uma referência para as novas gerações de artistas. A comparação entre suas trajetórias destaca não apenas a evolução da música sertaneja, mas também as transformações sociais e culturais que permitiram às mulheres conquistar cada vez mais espaço e reconhecimento em um gênero tradicionalmente masculino.

Além das barreiras enfrentadas no acesso à indústria da música sertaneja, ao longo dos anos, as mulheres também enfrentam desafios específicos relacionados à sua representatividade e o reconhecimento do público. Embora algumas cantoras tenham alcançado sucesso e visibilidade, a hegemonia masculina ainda persiste. Logo, ao analisar a contribuição das mulheres para o gênero, é possível identificar os padrões e tendências que ajudam na compreensão em torno das dinâmicas de poder na indústria musical.

Segundo Motta (2017):

---

<sup>4</sup> Entrevista com Marília Mendonça.

Disponível: <http://www.heloisatolipan.com.br/musica/sucesso-em-2016-marilia-mendonca-conversa-com-o-ht-e-fala-de-preconceito-lugar-da-mulher-pressao-por-novos-hits-e-representatividade-eu-nao-me-via-em-ninguem>  
Acesso em 2 de Julho de 2024.

A música sertaneja traz muitos recursos linguísticos para análise e está totalmente difusa, pois atinge milhares de pessoas. É importante dizer que para essas canções fazerem sucesso, os discursos apresentados em suas letras precisam ser aceitos pela sociedade, tendo coerência com o tempo atual do público que a consome. (Motta 2017, p. 31).

Ao contextualizarmos o discurso presentes nas canções sertanejas interpretadas desde Roberta Miranda à Marília Mendonça, na perspectiva de Foucault (1996), sobre o poder do discurso, é possível compreender como a análise do discurso destaca uma perspectiva analítica em torno da relação entre a linguagem e o poder presente nos discursos.

Para contextualizar o discurso, de acordo com os argumentos de Foucault (1996), o tema proposto na pesquisa destaca como a representação da mulher na música sertaneja é construída e perpetuada através do poder discursivo. Na perspectiva de Foucault, o poder não é apenas exercido através de instituições e estruturas sociais, mas também se manifesta nas práticas discursivas que moldam as normas e valores de uma sociedade.

Segundo Foucault *Apud* Silva (2012):

(...) que o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de números pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediato das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações. (Foucault, 1999, p. 89 *Apud*, Silva, 2012, p. 6).

No contexto da música sertaneja, as letras das canções, os discursos dos artistas e as narrativas da mídia desempenham um papel fundamental na construção das imagens e papéis atribuídos às mulheres ao longo dos anos. Por exemplo, as letras que romantizam a submissão feminina ou idealizam a figura da mulher como objeto de desejo refletem e reforçam as hierarquias de gênero presentes na sociedade do período.

Ao analisarmos o poder presente no discurso na música sertaneja, podemos observar como certas narrativas dominantes contribuem para a marginalização ou objetificação das mulheres, limitando suas oportunidades e reforçando os estereótipos. No entanto, também podemos identificar momentos de resistência nas letras e performances das cantoras que desafiaram as normas de gênero e reivindicaram suas vozes e autonomias.

Portanto, ao identificarmos os desafios enfrentados pelas mulheres na música sertaneja brasileira e suas representatividades no cenário musical, devemos considerar o papel do poder na construção dos discursos e na contestação das identidades de gênero. Como Foucault

(1996) argumenta, compreender como o poder opera através do discurso é fundamental para identificar as relações de poder e resistência que constroem a indústria musical e a sociedade como um todo.

Logo, a pesquisa sobre as mulheres na música sertaneja no Brasil revela uma complexa relação que envolve as questões de gênero, de poder e de cultura. Ao analisarmos os desafios, as conquistas e a representatividade das cantoras no cenário sertanejo, é possível não apenas reconhecer suas contribuições para os estudos de gênero, mas também identificar as áreas onde a igualdade de oportunidades ainda não foi alcançada.

### **Considerações Finais**

O objetivo desta pesquisa foi compreender a luta e a trajetória das mulheres de diferentes épocas, investigando os desafios enfrentados por cada uma delas, suas atitudes e as lutas que travaram a partir da análise de músicas sertanejas cantadas por duas mulheres, Roberta Miranda e Marília Mendonça. A partir da análise realizada, foi possível alcançar o propósito inicial do estudo.

Vale ressaltar a relevância da música como uma importante fonte de pesquisa para o historiador, pois ela reflete os contextos sociais, culturais e históricos de uma época, além de transmitir narrativas, emoções e perspectivas que ajudam a entender a construção e transformação da sociedade ao longo do tempo.

Além disso, destaca-se a importância da trajetória feminina na música sertaneja, que não apenas representou as vivências e os desafios das mulheres ao longo do tempo, mas também se consolidou como uma ferramenta de expressão e empoderamento feminino. Por meio das letras e performances, as artistas trouxeram à tona questões de gênero, rompendo barreiras e transformando o papel da mulher nesse estilo musical.

Espera-se que este estudo forneça uma visão abrangente dos desafios enfrentados pelas mulheres na música sertaneja brasileira, destacando suas conquistas e suas contribuições para os estudos de gênero. Além disso, espera-se que os resultados sirvam como base para futuras pesquisas sobre as questões de gênero na indústria da música brasileira e para iniciativas que promovam a equidade de gênero nesse campo.

## Referências

ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto**: música sertaneja e modernização brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BARROS, José D'Assunção. História e música: considerações sobre suas possibilidades de interação. **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 25, n. 45, p. 13-35, 2012.

BEAUVIOR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BORGES, Maria Joyce de Moura. **“A noite das patroas”**: a produção de subjetividade feminina na música sertaneja na década de 2010. (Monografia) Universidade Federal do Piauí – UFPI. Picos-PI. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRENSHAW, kimberlé. **Desmarginalizando a interseccionalidade entre raça e gênero**: uma crítica feminista negra à doutrina antidiscriminatória, à teoria feminista e à política antirracista. *University of Chicago Legal Forum*, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989.

ENTREVISTA COM MARÍLIA MENDONÇA.

Disponível: <http://www.heloisatolipan.com.br/musica/sucesso-em-2016-marilia-mendonca-conversa-com-o-ht-e-fala-de-preconceito-lugar-da-mulher-pessao-por-novos-hits-e-representatividade-eu-nao-me-via-em-ninguem> Acesso em 2 de Jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

MENDONÇA, Marília. Infel. In: **Marília Mendonça ao vivo**. Som Livre, 2016.

MENDONÇA, Marília. De quem é a culpa? In: **Marília Mendonça ao vivo**. Som Livre, 2017a.

MENDONÇA, Marília. Eu sei de cor? In: **Marília Mendonça ao vivo**. Som Livre, 2017b.

MIRANDA, Roberta. Vá com Deus. In: **Volume 2**. Som Livre, 1987.

MIRANDA, Roberta. A mulher em mim. In: **Volume 7**. Som Livre, 1997.

MIRANDA, Roberta. Faz amor comigo. In: **DVD ao vivo**. Som Livre, 2021.

MIRANDA, Roberta. **Biografia**. Disponível em: <https://siterobertamiranda.com.br/biografia/> Data de acesso: Maio de 2024.

MOTTA, Tayne Melo. **A voz delas**: uma análise de representações sobre mulheres em canções sertanejas interpretadas por mulheres. (TCC) Universidade Federal do Pampa. Bagé-RS, 2017.

RIBAS, Cristina Elena Taborda. O uso da música como fonte histórica no ensino de História. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 13-29, 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **American Historical Review**, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, 1986.

SILVA, Carla da. A desigualdade imposta pelos papéis de homem e mulher: uma possibilidade de construção da igualdade de gênero. **Direito em Foco**, v. 5, p. 1, 2012.